

PROVOCAR REFLEXÕES GEOGRÁFICAS ATRAVÉS DE PRÁTICAS EDUCATIVAS CARTOGRÁFICAS EM BARBALHA (CEARÁ/BRASIL)

Cassio Expedito Galdino Pereira

Professor substituto da Universidade Regional do Cariri (URCA) – membro do Polo Crato da rede de pesquisa “Imagens, geografias e educação”. Email: cassio.expedito@hotmail.com

Jörn Seemann

Professor da Ball State University (BSU) – membro do Polo Crato da rede de pesquisa “Imagens, geografias e educação”. Email: jornseemann@gmail.com

INTRODUÇÃO

Pensar o mapa escolar é ver as dobras e as desdobras importantes que podem ser feitas na educação geográfica para o desenvolvimento social, extraindo outras e novas formas para melhorar o processo de ensino-aprendizagem. Nesse rumo, deliberamos ir em busca de novas rotas de ensino, fundamentando-se nas diferentes propostas para a geografia articuladas nos projetos desenvolvidos pelos membros do grupo IMAGO¹ na região do Cariri cearense. Para dilatarmos essa ação, tivemos como embasamento as experiências e experimentações realizadas por esse autor no projeto de extensão “1001 mapas de Barbalha: alunos das escolas públicas do município representam seu lugar”, financiado pela Universidade Regional do Cariri – URCA.

Neste projeto, norteamos nosso foco as escolas públicas do ensino básico do município de Barbalha (Ceará), tendo a finalidade de criar diálogos, apresentações e (de)formações cartográficas por meio de oficinas ofertadas. Tendo como público alvo os estudantes e professores barbalhenses, nossa meta foi educar cartograficamente para a cidadania, não para exames avaliativos do Estado ou de instituições, se utilizando dos ensinamentos da artes (READ, 2001). Assim, buscamos mostrar novos contornos da geografia escolar, trazendo o aluno para entender como os fenômenos espaciais aparecem em seu cotidiano.

Nesse sentido, encaramos a ocasião para apreender o quão é extraordinária a incumbência de educar para libertar a imaginação e ações geográficas das crianças e adolescentes, pois nesses é encontrado o alicerce da construção de uma nova sociedade. Desse modo, é emergente trazer diferentes práticas educativas para desenvolver e ampliar conceitos, noções, competências e habilidades aos estudantes. Além disso, é preciso criar pessoas para pensar além das ideologias, estereótipos, ideias alienantes. Vale salientar que essas práticas que se quer emergir não sirva somente para a sala de aula, mas para a compreensão na vida cotidiana do espaço geográfico.

Entretanto, nas aulas de geografia, o mapa sempre é utilizado para enunciar determinado conteúdo a ser visto pelos alunos, pois não conseguem transpor a ideia de ser uma forma de comunicação e expressão gráfica. Assim, muitos não passam de meras

¹ Grupo de pesquisa IMAGO - Pesquisa em Cultura Visual, Espaço, Memória e Ensino, ao qual faz parte da rede interdisciplinar e interinstitucional “Imagens, geografias e educação”, integra membros de várias áreas e instituições tendo como foco o debate das linguagens visuais para revelar fenômenos e relações socioculturais e espaciais.

ilustrações, tornando-se assim representações fechadas do espaço, semelhantes a artefatos de museu prontos e acabados (SEEMANN, 2002).

É digno notar que o mapa é mais do que um objeto de estimação das aulas de Geografia e serve para nos revelar o espaço construído pela sociedade. Segundo Richter e Faria (2011), ainda paira nos professores de geografia do ensino básico a dúvida e o desconhecimento de como utilizar as práticas cartográficas para além de uma ilustração, de um decalque.

Como ir além da ilustração? Acreditamos que podemos trazer o mapa além da ilustração nos engajando em três processos: **1º** mostrando que **os mapas também são textos** que devem ser lidos e interpretados (HARLEY, 1990); **2º** entendendo e diluindo que **há conteúdos, conceitos e ideologias nos mapas** (HARLEY, 1989) para um saber que o aluno tem quer aprender; **3º** através das **imagens cartográficas**, expostas como uma obra de arte e apresentação (OLIVEIRA JR., 2012), as crianças e adolescentes vejam que **podem explorar o espaço geográfico real**, que existe fora da sala de aula.

Assim, esse texto aqui escrito tem a finalidade de mostrar as (a)venturas dos mapas construídos pelos alunos desse município para mostrar o cotidiano, o que é vivido, imaginado. Ao observar a paisagem, o aluno mapeia não só contornos já esquadrinhado do espaço, mas traz outros e/ou novos contornos, que transformam o nosso modo de que pensamos e fazemos o espaço, como a própria cartografia geográfica.

Esses mapas produzidos não seguem o padrão dos mapas convencionais, mas com inter-relações e interações entre cartografia e arte (HARMON, 2009) os mapas subvertem as visões que temos do espaço e da cartografia. Consequentemente, eles nos remonta a percebemos o que não é visto no espaço, notar as efemeridades, levando assim transbordamentos para as aulas de contextos do vivido, pelas reflexões, indagações e imaginações dos mapeadores/leitores. Em outras palavras, essas cartografias artísticas, tecidas por esses pequenos artesões, podem (des)dobrar o mapear para expressar as histórias em curso, capturar os pontos cegos, o acaso da irrupção interna do espaço (MASSEY, 2008).

(De)Formando no meio de sua educação geográfica os mapas escolares, partindo do que compreende ou imaginam do espaço, esses alunos vão tecendo mapas que servem para refletirem e imaginarem mudanças do espaço municipal. Assim, para trazer à tona as (a)venturas dessas (de)formações cartográficas, resolvemos tirar a geografia escolar de sua perspectiva maior para leva-la as extremidades, ou seja, rumando para as geografias menores (OLIVEIRA JR., 2009). Esperamos que esses relatos tragam as assombrações no pensar para construir outro e/ou novo conhecimento geográfico, criando cidadãos atuantes que transformem o espaço.

MERGULHANDO NA EDUCAÇÃO CARTOGRÁFICA PARA REFLETIR O ESPAÇO VIVIDO

É evidente, já dizia Seemann (2011), que em uma sociedade, na qual está mergulhada em mapas, deve ser essencial a educação cartográfica. Entretanto, na maioria das vezes não observamos e nem libertamos os mapas para entender a realidade que o mapeador quer contar. Logo, quando se fala em práticas cartográficas na

educação geográfica se verifica que os assuntos fundamentais para indagar entre o mapa e a nossa realidade muitas vezes não são abordados.

Cazetta (2009) nos mostra que nossa sociedade está sendo induzida a ficar presa nos “mapas em papel (estáticos)”, os quais são fruto de escolhas político-estéticas em diversas escalas sob as quais geografias são apresentadas. Desse modo, as muitas pessoas creem que existe o mapa verdadeiro (HARLEY, 1989).

Compreendemos que o mapa na educação geográfica do ensino básico é um meio para derivar sobre uma visão real ou imaginativa do espaço. Constituído de traços, linhas e/ou símbolos, o mapa sempre é utilizado para enunciar e/ou apresentar determinado conteúdo(s)/contexto(s)/diálogo(s)/ indagação(ões) de acontecimentos espaciais.

Fora de querer captar realidades raramente mutáveis, o mapa é a linguagem que apresenta o mundo com todos seus ritmos que o mapeador observa (MOREIRA, 2012). Entretanto, seguindo pelo viés positivista, o mapa foi sendo enclausurado, “ordenado em sua caixinha. (...) Mundo dividido, mundo quadriculado, onde cada campo tem sua sebe, o parque seu muro. (...) Modestas alegrias limitadas. Brinquedos dos homens bem-ordenados na vitrine.” (SAINT-EXUPÉRY, 2015)

Nesse sentido, o mapa escolar se tornou já ordenado, tudo já está esquadrinhado, não podendo trazer novas configurações do espaço. Será? E se for professor, o que fazer? Será que os alunos compreendem mapas feitos tão ordenado, frio, que remete apenas a localização/ilustração, apenas vendo aquela superfície lisa, sem a sociedade imbuída nele? Se não, como proceder? Deve-se deixar o mapa de lado? Ou deve seguir o que está posto e não se aventurar nas utopias de pensar contra/além dele, buscando entender ‘terras’ ainda desconhecidas? Se sim, será que os olhos já não ficam presos e orientado a ver um mapa somente como enfeite de parede ou para visualizar somente o espaço físico?

Assim, o mapa escolar como superfícies lisas leva nossos pensamentos a fazer uma ação geográfica de reconhecer espaço sendo verdadeiramente aquela superfície lisa, esquecendo as marcas e vontades humanas que criaram esse produto (OLIVEIRA JR., 2011). Neste sentido, segundo Fonseca (2004), naturalizou a prática cartográfica como algo verdadeiro, prestabelecido e fechado. Porém, o mapa tratado dessa forma leva-o a um limite, a um ponto final, a ser algo acabado.

Porém, será que não existe outros elementos invisíveis nesse mapa? Será que não existe outros ângulos, distâncias, escalas, classificações que poderiam trazer outros contornos para esse mapa? Mesmo no mundo contemporâneo, ao qual as imagens de satélites esquadrinham todo o espaço terrestre, será que ainda não existe regiões desconhecidas? Será que não existe uma dimensões de relações de vidas que podem ser transmitidas pelos mapas?

No mundo contemporâneo, ainda é costumeiro as pessoas tomarem/utilizarem o mapa como uma imagem que serve apenas para delimitar, localizar ou representar o espaço real. Presos as ideias de cálculos matemáticos, coordenadas, escalas e geometria, as pessoas não veem a essência ontológica do espaço (MOREIRA, 2012), mas apenas a objetividade fria da cartografia, advinda do lado matemático do plano cartesiano no mapa. Dessa forma, se corre o risco de ficar presos nos meridianos e paralelos, sendo

levado a algo descritivo, no qual não mostra a paisagem com todas suas cores e cheiros (SEEMANN, 2013).

Sendo apenas uma técnica ou um conjunto de ferramentas para calcular o espaço, não é potencializado o mapa como um processo de ser uma linguagem que revela contexto(s)/conteúdo(s)/diálogo(s)/indagação(ões) presente no espaço. Nessa perspectiva, Girardi (2013) aponta que para cartografia contemporânea falta um requisito de reflexão geográfica. Sente-se uma falta de dialogar o mapa como um meio para mergulhar no mundo fascinante, ainda não descoberto. Falta usar a cartografia como uma possibilidade de diálogo com a sociedade, para as pessoas revelarem, libertarem sua imaginação sobre o espaço (in)existentes no papel, ao qual só existem em suas cabeças.

Tomando mapas como “criações humanas, narrativas, mensagens, ideologias, discursos e construções socioculturais”, nos quais “representam, apresentam ou visualizam algum espaço” (SEEMANN, 2013, p.13), queremos nesse projeto nos debruçar sobre as práticas cartográficas enquanto fazedoras de reflexões geográficas. Logo, a cartografia aqui empenhada não se limita aos elementos topográficos ou geodésicos, mas adentra as questões socioculturais, políticas, espiritual, moral, imaginativa e/ou qualquer outro contexto desejado.

O mundo já esquadrihado, descoberto, pode ser (re)grafado através da imaginação alternativa dos alunos, retirando a cartografia dessa constelação de conceitos que o expressam como uma estase, fechamento, representação, ao qual ela tem sido envolvido (MASSEY, 2008). O espaço não é uma representação estático, fechado, mas segundo Massey (2008):

“(…) o espaço é um produto de relações (…) no entanto, não são relações de um sistema coerente, fechado, dentro do qual todas as interconexões sejam estabelecidas e no qual todos os lugares já estão ligados a todos os outros. (...) Um espaço (...) é de resultados imprevisíveis e de ligações ausentes. Para que o futuro seja aberto, o espaço também deve sê-lo.”

O espaço é aberto, e o mapa também é, tendo a suas múltiplas entradas, sendo algo reversível, desmontável, conectado em todas as suas dimensões. Dessa maneira, o mapa é rizomático (DELEUZE e GUATTARI, 1995). E se o mapa é tudo isso, porque não aparece outros mapas? Será que existe outros e/ou novos contornos, linhas e/ou projeções cartográficas para revelar o espaço? E se existir, será que nossa sociedade atual está sendo decapitada toda a sua criatividade e imaginação?

Doreen Massey (2008) argumenta que a falta de imaginação nos impede de vermos o mapa nessa perspectiva. Dessa forma, se torna necessário desterritorializar o mapa geográfico como uma ilustração, sair dos limites impostos, levando a geografia fora do processo linear dos cânones científicos, para perceber outras práticas e outras geografias (FERRAZ, MONTAGNOLI e BERNARDES, 2010).

Mas então, como desterritorializar o mapa da ideia de ilustração? Como mostrar que o mapa tem uma serventia maior do que delimitar ou localizar determinado fator no espaço? Como trazer a prática cartográfica para a Geografia da realidade? Como mostrar os mapas voltados para o processo e não apenas como produto?

Nessa conjectura, queremos nesse texto mostrar que as práticas educativas cartográficas artísticas tem a potencialidade/possibilidade de derivar a cartografia de uma superfície lisa, maior, para cartografias menores. Neste sentido, tratamos de trazer essa prática voltada para a extremidade, indo para outras paragens, levando para a sala de aula as geografias menores (OLIVEIRA JR., 2009). Oliveira Jr. (2009) nos mostra que ao derivar a geografia maior, para as geografias menores, desmontamos o saber/poder para extrair tonalidades nunca vistas, fazendo a variar. Portanto, nessa deriva, queremos

(...) apontar devires possíveis ao pensamento geográfico (*e cartográfico*) a partir da potência que a mirada sobre as imagens traz até ele, atravessando-o com novas possibilidades de criação; com um punhado de geografias (*cartografias*) menores que brotam das colisões, dos embates e das aproximações entre os estudos que apontam a forte presença de uma educação pelas imagens nos dias atuais e os pensamentos acerca do espaço geográfico que surgem dela. (OLIVEIRA JR., 2009, p. 27, *grifos nossos*)

É visível dizer que aqui o “mapa apresenta o mundo de determinada maneira, sob determinado pensamento espacial” (OLIVEIRA JR., 2011, p. 15). Nesse sentido, ele “(...) pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p.21).

Para chegamos a esse conceito, Oliveira Jr. (2012) nos aponta que devemos esvaziar tudo que pensamos sobre o espaço capturado pelo mapa (principalmente o que é posto no mapa escolar) e deslizá-lo para outra margem, trazer novos entornos do mapa, trazer outras potencialidades enquanto linguagem e expressividade. Assim,

A intenção seria a de fazer gaguejar, fender, torcer a linguagem cartográfica, levando-a a outras potências de si mesma, fugindo das cristalizações já estabelecidas que a engessam em certas imaginações do que ela já é e do que ela poderia vir-a-ser. (OLIVEIRA JR., 2012, p. 11)

Dessa maneira, podemos aqui trazer os mapas desejanter (GIRARDI, 2009) feitos pelos alunos. Logo, tomamos as palavras emprestada de Girardi (2009, p.155) para apontar que os mapas aqui presentes traz “(...) a territorialidade construída pela história das famílias e seus modos de apropriação da natureza, sua organização social, (*no qual*) é ausente no mapa topográfico. Pelo menos, parcialmente ausente” (grifos nossos).

REVELANDO AS ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Para compreender como se deu o desenvolvimento das atividades inerentes ao projeto nesse município, faz se necessário mostrar a metodologia abordada. Vale salientar que essa abordagem metodológica utilizada foi participativa, onde todos membros do processo fizeram uma inter(el)ação sobre o cerne da pesquisa.

Primeiramente, é importante destacar que em todo o período desse processo foi realizado a familiarização da literatura base do projeto. Nesse contexto, foi escolhido trabalhos que falassem sobre educação cartográfica, educação geográfica, poder do uso das imagens na educação, pensamento/imaginação espacial, cartografia artística, produção de imagens cartográficas e materiais didáticos cartográficos para sala de aula. Em especial, a obra ‘Mil Platôs 1: capitalismo e esquizofrenia’ (Deleuze e Guattari), ‘Pelo espaço: uma nova política da espacialidade’ (Doreen Massey) e ‘Mapas em deriva - imaginação e cartografia escolar’ (Wenceslao Machado de Oliveira Jr.) foram essenciais para essas (de)formações cartográficas artísticas em sala de aula.

Compreendendo a essencialidade de fazer esse processo cartográfico de ensino-aprendizagem em sala de aula se delimitou as escolas do primeiro ano do ensino fundamental ao terceiro ano do ensino médio ao qual se trabalhou. Nessa etapa, primeiramente estava pensado em atender dezesseis escolas. Entretanto, por burocracias e dificuldades em algumas instituições realizamos as atividades em apenas sete escolas, sendo essas: E.E.F. São Sebastião, E.E.F. Senador Martiniano de Alencar, E.E.F. Josefa Alves, E.E.M. Aduato Bezerra, E.E.F. Raul Coelho, E.E.F. Cesar Cals e E.E.M. Virgílio Távora. Vale ressaltar que em algumas dessas escolas as atividades foram menos proveitosas do que outras, pelas resistências e dificuldades do corpo escolar.

Em todas essas escolas participantes foi feito a apresentação do projeto aos professores e estudantes, bem como um levantamento da estrutura e organização escolar, prática educativa em geo(carto)grafia realizada. Também foi analisado se há metodologias desenvolvidas pelo professor ou a instituição para a educação cartográfica dos alunos. Ao terminar essa etapa foi constatado que é quase escasso as práticas cartográficas nessas escolas, em especial nas aulas de geografia.

Conversando com alguns professores eles mostraram que isso se deve pela falta de materiais didáticos e de compreensão desse conteúdo. Também se notou que dificilmente os alunos relacionariam/produziriam mapas sobre seu cotidiano, principalmente em séries avançadas (7º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio). Além disso, a compreensão sobre cartografia seria apenas de localização/ilustração com mapas de trajetos, não pensando como uma ferramenta para compreender a intensidade/densidade dos presente no espaço (DELEUZE, 2011).

Partindo desse ponto, planejou-se oficinas nessas escolas juntos com os professores e alunos para a realização dessas (de)formações do ensino de cartografia. As oficinas consistiam em momentos de diálogos com os alunos sobre o conteúdo da disciplina de geografia com cotidiano deles, ao qual eram expressados em mapas. Esses mapas são materiais e recursos que se tornam ferramentas para o processo de ensino-aprendizagem das oficinas, atravessando o lúdico, o crítico, o imaginativo e criativo dos alunos e professores, levando a uma educação cartográfica participativa e dinâmica.

Vale salientar que estes mapas ao serem construídos não precisava ser estritamente formas materiais em papéis, mas também incluem processos cognitivos (mapas mentais), jogos, rabiscos, colagem, fotografias, filmes, poemas, cordéis, xilogravuras, arte com materiais naturais, mapas digitais, maquetes, performance qualquer outra ação com uma dimensão geográfica e uma relação entre corpo e espaço (WOODWARD e LEWIS, 1998).

Desta forma, na medida que o processo aconteceu com as crianças e adolescentes, não foram focados conteúdo para memorização ou para mera serventia avaliativa. Entretanto, brincando e fazendo rodas de conversas se ensinou formas e procedimentos para expressar nos mapas as interações e inter-relações espaciais do vivido.

DESAFI(N)AÇÕES PARA TRAZER MAPAS COM EXPRESSÕES

Nessa experiência e experimentação vivida nessas escolas, durante um ano e cinco meses de pesquisa, foi trabalhado com setecentos e noventa alunos mais oitenta e oito professores. O resumido conjunto de mapas aqui apresentados tenta mostrar o que esses participantes fizeram para expor sobre o cotidiano de modo inusitado, inesperado, crítico, criativo e imaginativo.

Como forma de expressão e comunicação para mostrar que existem agendas escondidas, intenções, discursos e afetividade que estão aguardando a sua leitura (SEEMANN, 2003), eles desafi(n)aram a oficialidade/rigidez dos mapas topográficos e trouxeram mapas cheios de sentimentos e sentidos. Eles são (de)formados pela arte para do mapa oficial mostrar o social, ambiental, político e econômico. Dessa forma, estes mapas vão falar em suas entrelinhas sobre a realidade que o mapeador observa, vive, nos provocando a pensar/imaginar por seu atos artísticos de narrar coisas tão simples, que nos inundam de tantas sensações e afectos.

Os pequenos artesões cartografam para provocar reflexões geográficas, fazendo indagar para educação do município de Barbalha: como é uma estrada em Barbalha? É pavimentada? É estrada sem pavimentação? Falta sinalização? O que acontece em uma estrada em Barbalha? Que sujeitos circulam nela? Há encontro de amigos ou familiares? Trajeto para casa? Trajeto para encontrar o amor da vida? Será que falta algumas coisas nas estradas? Falta sinalização? Falta faixa de pedestre? Há pontos de localização em Barbalha? Há pontos para prestarmos mais atenção?

MAPA 01 – Barbalha e(m) estradas



Mapa 02/03- roupas e(m) espaços



Ruas, nomes de bairros em corpos desenhados e roupas trazem quais significados? Apresentam locais visitados? Apresentam o local onde mora? Apresentam o local onde estuda? Apresenta locais de alguém conhecido ou que tem um apreço?

Como é esse local? Que elementos existe? Rua próximo ao coração significa o que? Falta algum nome de rua, bairro? Se falta, qual seria o motivo?

Mapa 04/05 – cabeças e(m) espaços



Mapa 06 - Incompleto



Porque um nome incompleto em um mapa? O que são esses traçados de ruas fugindo para a outra folha? Mostram que uma folha não dá para mostrar esse mapa? Ou quer indagar sobre algo que falta? Por que está desenhado lápis e borracha deixado perto do mapa? Estará faltando algo nesse espaço geográfico? Falta saúde? Educação? Esse espaço eles podem habitar?

Ao ver cada mapa desse percebemos que cada obra dessa é um modo particular/subjetivo de perceber, pensar e apresentar o espaço geográfico. Neste sentido, sempre faltará algo na representação, que os autores aqui, pequenos artesãos do saber, provocam para tensionar o que é, como é e para que/quem é esse espaço. Assim, aqui eles inventariam o mapa, questiona sobre a realidade, traz o cotidiano existente desusando as convenções e regras para libertar a arte do grafar o espaço.

Assim, esses mapas feitos pelos alunos mostram o quanto é importante propiciar uma compreensão ampla da cartografia e incentivar uma forma de pensar os mapas como processos (SEEMANN, 2002). Nesta perspectiva, a prática cartográfica como uma linguagem visual que não pode ser tomada somente como um amontoado de técnicas funcionais para ler o espaço de uma única forma, mas deve ser vista como meio de abrir diálogos para refletir o que acontece no espaço.

Logo, verifica-se que essas obras feitas pelos alunos é preciso trazer uma desterritorialização das práticas cartográficas consagradas em busca de outros e/ou novos contornos (dos pensamentos) espaciais. Pensar em novas formas, deformar o já existente, tirar os limites, sair das convenções, leva a ver as intensidades e densidades presente no espaço. Logo, ao final desse projeto todos que participamos conseguimos notar aberturas para compreender como espaço é e quais mudanças devem acontecer.

REFERÊNCIAS

CAZETTA, Valeria. Aproximações e distanciamentos entre a linguagem cartográfica e outras linguagens. **Biblio 3w** (Barcelona), v. XIV, p.1-14, 2009.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v. 1.

DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011. 208 p.

FERRAZ, C. B.; MONTAGNOLI, R. L.; BERNARDES, A. H. O ensino de geografia: a sala de aula e os saberes geográficos. **Geosaberes** (Fortaleza), v.1, n.2, p.82-106, 2010.

FONSECA, F. P. **A inflexibilidade do espaço cartográfico, uma questão para a Geografia**: análise das discussões sobre o papel da Cartografia. Tese (doutorado em Geografia), FFLCH – USP, 2004. 250p.

GIRARDI, G. Mapas desejantes: uma agenda para a Cartografia Geográfica. **Proposições** (UNICAMP. Online), v. 20, p. 147-157, 2009.

Política e potência das imagens cartográficas na Geografia. In: Wenceslao Machado de Oliveira Júnior; Valéria Cazetta. (Org.). **Grafias do espaço: imagens na educação geográfica contemporânea**. 1ed.Campinas: Alínea, 2013, v. 1, p. 69-85.

- HARLEY, J.B. 1989. Deconstructing the map. **Cartographica**, v.26, n.2, p.1-20, 1989.
- HARLEY, J.B. Text and Context in the Interpretation of Early Maps. In: BUISSERET, David (org). **From Sea Charts to Satellite Images**. Chicago: University of Chicago Press, 1990, p.3-15.
- HARMON, Katherine. **The map as art. Contemporary artists explore cartography**. New York: Princeton Architectural Press, 2009.
- MASSEY, D. **Pelo espaço – uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MOREIRA, R. **Geografia e práxis: a presença do espaço na teoria e na prática geográficas**. São Paulo: Contexto, 2012. 221 p.
- OLIVEIRA Jr., Wenceslao Machado de. Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografias menores. **Pró-Posições** (Campinas), v.20, n.3, p. 17-28, 2009.
- OLIVEIRA Jr., Wenceslao Machado de. A educação visual dos mapas. **Revista Geografica de America Central** (online), v. 47E, p. 1-20, 2011.
- OLIVEIRA Jr., Wenceslao Machado de. Mapas em deriva - imaginação e cartografia escolar. **Geografares**, Vitória (ES), v. 12, p. 1-49, 2012.
- READ, H. A educação pela arte. Tradução: Valter Lellis Siqueira. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 428p.
- RICHTER, D. ; FARIA, G. G. de. Conhecimento geográfico e cartografia: produção e análise de mapas mentais. **Ateliê Geográfico** (UFG), v. 5, p. 250-268, 2011.
- SAINT-EXUPÉRY, A. **Correio sul**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- SEEMANN, Jörn. Mapas e mapeamentos como geografia cultural em ação: convite à discussão. IN: **XIII. Encontro Nacional de Geógrafos**, 2002, João Pessoa. Cadernos de Resumos e CD-ROM (texto integral), 2002.
- SEEMANN, Jörn. Mapas e as suas ‘agendas escondidas’: Propostas para uma ‘Cartografia Crítica’ no Ensino de Geografia. IN: **Anais do 7º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia**, Vitória (ES), 2003. p. 24-31.
- SEEMANN, Jörn. Entre Usos e Abusos nos mapas da Internet. In: Rosângela Doin de Almeida. (Org.). **Novos Rumos da Cartografia Escolar. Currículo, Linguagem e Tecnologia**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 163-176.
- SEEMANN, Jörn. **Carto-crônicas. Uma viagem pelo mundo da cartografia**. 2ª ed. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2013. 138p.
- WOODWARD, David; LEWIS, G. Malcolm. Introduction. In: WOODWARD, David; LEWIS, G. Malcolm, orgs. **The History of Cartography. Volume 2 Book 3: Cartography in the Traditional African, American, Australian, and Pacific Societies**. Chicago: University of Chicago Press, 1998.